

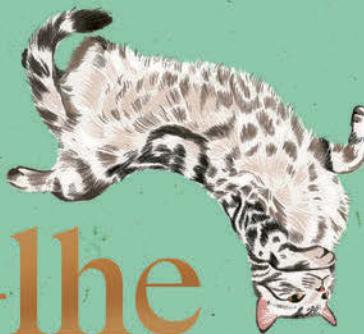
O bestseller japonês

Traduzido para 25 línguas

Os gatos
são a cura
perrrrfeita

Vamos receitar-lhe um gato

SYOU
ISHIDA



1

B \hat{E}



Shuta Kagawa estava parado ao fundo de uma viela escura, fitando um edifício multiusos. Depois de se ter perdido por completo, chegara finalmente. A estrutura parecia ter sido erigida para preencher o espaço estreito entre dois blocos de apartamentos.

— É isto? — murmurou ele.

Duvidou que houvesse algum sítio que a aplicação de navegação do seu telemóvel não descobrisse, mas este lugar provava o contrário. Visto da viela, o céu parecia distante e turvo, e não havia luz solar. Sentia-se o ar húmido: o edifício parecia velho e sujo.

— E o que é que se passa com esta morada?

Leste da rua Takoyakushi, sul da rua Tominokoji, oeste da rua Rokkaku, norte da rua Fuyacho, divisão administrativa de Nakagyō, Quioto.

Este tipo de endereço era típico de Quioto. Em vez de números de ruas oficiais, dava os nomes das ruas que intersejavam em quatro direções. As indicações eram tão vagas que quem não era de lá achava-as confusas. Shuta já andava às voltas pelas redondezas há algum tempo. Estava prestes a desistir quando deu com a estreita entrada do beco.

Porque é que os habitantes de Quioto alinharam com estas orientações tão crípticas?

Para Shuta, que pertencia a outra prefeitura, os nomes das ruas de Quioto pareciam estar em código. Até algo simples como uma morada tinha uma obliquidade que parecia concebida para manter os forasteiros afastados.

Demorou-se por uns momentos na viela escura e, suspirando profundamente, recompôs-se, determinado a não se deixar desde logo desapontar. Lá por o prédio se situar num local duvidoso, não significava necessariamente que os inquilinos também fossem duvidosos. Talvez os prédios de habitação tivessem sido construídos mais tarde em volta deste edifício, e não se podia dizer que o lugar não tinha um certo ambiente de abrigo.

A entrada do prédio estava aberta; não tinha elevador, apenas uma escadaria nas traseiras. Estava parcamente iluminada, mas talvez apenas assim o parecesse por haver tão pouca gente em volta. Percorreu o corredor, olhando para as placas nas portas. Parecia uma espécie de prédio comercial, repleto de negócios manhosos.

Em breve, posso estar a fazer telefonemas para burlar idosos num gabinete de um prédio como este, refletiu, vislumbrando o seu próprio futuro. Abanou a cabeça. Deslocara-se ali para assegurar que tal não acontecia.

Subiu as escadas até ao seu destino, a Clínica da Alma Nakagyō Kokoro, situada no quinto piso. A porta, antiga e sólida, abriu-se com uma facilidade perturbadora. Ele espreitou rapidamente para o interior — a clínica apresentava-se surpreendentemente bem iluminada. Havia uma janela pequena na receção junto à entrada, que parecia desocupada.



— Olá? — chamou Shuta.

Silêncio. Questionou-se se chegara durante alguma pausa. Manteve-se de braços cruzados. Não tendo os detalhes de contacto da clínica, fora incapaz de marcar uma consulta.

— Olá? — insistiu, desta feita um pouco mais alto.

Ouviu os passos abafados de chinelo no chão e apareceu uma enfermeira, uma mulher pálida que estaria perto de chegar aos 30 anos.

— Em que posso ajudar? — quis ela saber.

— Não tenho marcação, mas gostaria que o doutor me recebesse — disse Shuta.

— Ah, entendo, é um paciente. Entre, por favor. — A enfermeira falava o dialeto *kansai* com uma entoação lenta, característica de Quioto. O sotaque dela era bastante pronunciado para alguém tão jovem.

Havia um sofá na parte de trás da sala de espera, mas a enfermeira encaminhou Shuta para lá do mesmo, diretamente para o consultório. Era mais pequeno até do que a sala de fumo da sua empresa e modestamente mobilado com uma secretária, um computador e duas cadeiras.

É mesmo esta a famosa clínica? Shuta sentiu-se cada vez mais ansioso. Todos os gabinetes de psiquiatras que alguma vez conhecera eram espaçosos e bem equipados. Não só tais clínicas *não* se situavam em prédios antigos nada conditivos, como apenas recebiam pacientes com marcação. Era também exigido aos pacientes que respondessem a um elaborado questionário médico que levava quase uma hora a preencher. Deu graças por poder ver o médico tão facilmente, mas, pensando bem, nem sequer lhe dera os dados do seu seguro de saúde.

A cortina na parte de trás abriu-se e surgiu um jovem de pequena estatura envergando uma bata de laboratório branca.

— Olá, como está? Deve ser a sua primeira vez na nossa clínica. — Falava num tom bastante agudo e nasalado, e com uma reconfortante cadência de Quioto que não lhe pareceu muito familiar. — Como é que soube da nossa existência?

— Hum... — Por momentos, Shuta não soube o que responder. Ponderou mentir, mas decidiu ser franco. — Ouvi falar de vocês por portas travessas. Um antigo colega falou-me do cliente de um cliente da empresa do primo da mulher do irmão mais novo dele, que é vosso paciente, e recomendou-me esta clínica.

Deu por si ali com base em informações menos fiáveis do que mexericos de vão de escada. Tudo o que lhe fora indicado fora o nome da clínica e que se situava no quinto piso de um edifício com um endereço críptico.

Não era a sua primeira vez numa clínica psiquiátrica. Já tivera várias consultas seis meses antes. Já na altura não acalentara grandes esperanças de melhorias, mas achou que precisava de fazer um esforço por melhorar. Investigou *online* por psiquiatras bem reputados, indo a consultas sucessivas até ter visitado todos os psiquiatras perto de casa e do seu escritório. Foi assim que acabou ali. Era um último recurso. Só não contou que a clínica se situasse num local tão recôndito.

— Ora bem, temos aqui um pequeno problema. A verdade é que neste momento não estou a aceitar novos pacientes. Dirijo um consultório pequeno... sou só eu e a enfermeira.

Shuta franziu o sobrolho. *Acho que este lugar também é para riscar. Chamam às instalações «Clínica da Alma», ou lá o que seja, mas quando chega a hora poucos médicos se importam o suficiente para nos ajudar com os nossos problemas. Muito bem.*



Estava prestes a dizer isso mesmo quando se abriu um largo sorriso no rosto do médico e o seu olhar revelou um brilho traquina de criança.

— Vou abrir uma exceção desta vez, dado que veio com referências.

O espaço, já de si tão estreito que os joelhos deles quase se tocavam, tornou-se ainda mais íntimo. O médico voltou-se para a sua secretária. Shuta observou os dedos do médico a voar sobre o teclado enquanto escrevia no seu computador.

— Nome e idade?

De repente, a consulta começara.

— Shuta Kagawa. 25 anos.

— Então, o que o traz cá hoje?

Shuta arrepiou-se um pouco. Já vira aquela cena a desenrolar-se. Todos os médicos lhe tinham dado a mesma resposta.

Isso é duro. Não tem de trabalhar tanto.

Ainda bem que me procurou. Obrigado.

Depois, todos receitavam uma medicação semelhante. A ajuda não veio dos médicos, mas sim dos comprimidos para dormir.

— Eu...

Insónia, zumbidos nos ouvidos, perda de apetite.

Sempre que pensava no trabalho, o seu peito apertava, a respiração tornava-se superficial e o sono escapava-lhe. Os seus sintomas eram tão comuns que os médicos nunca mostravam grande interesse. Desta vez, estava determinado a explicar adequadamente o seu estado para o subjugar de uma vez por todas. Mas, antes sequer de se aperceber, escapou-lhe dos lábios o que verdadeiramente sentia.

— Quero deixar o meu emprego.

— Ai sim? — reagiu o médico.

Shuta apercebeu-se do que dissera.

— Bom, não. Não era bem isso que queria dizer. Eu não quero *realmente* deixar o meu emprego. Quero descobrir como continuar a trabalhar na minha atual empresa. Trabalho para uma grande agência de corretores... está a ver, daquelas que se vê nos anúncios. O problema é ser gerida como uma fábrica que explora os empregados.

— Percebo — disse o médico, após o que voltou a sorrir.

— Vamos receitar-lhe um gato. Vamos ficar atentos ao seu estado. — Girou a cadeira e falou alto para trás. — Chitose, podes trazer o gato?

— É para já — respondeu uma voz por detrás da cortina. Apareceu a enfermeira pálida que ele vira antes. O seu olhar tinha um brilho em que não reparara. Era bela, de uma forma subtil. Olhando de esguelha para Shuta, perguntou de forma brusca: — Tem a certeza de que ele é indicado para isto, Dr. Nikké?

— Absoluta.

Que lugar estranho, e Nikké... que nome bizarro.

A enfermeira pousou uma transportadora de animais sobre a secretária e saiu discretamente. Dentro da caixa de plástico, encontrava-se um gato.

Shuta ficou sem palavras. Olhou pasmado para o gato que tinha diante de si.

É um gato verdadeiro. Cinzento, discreto, comum.

O gato estava parcialmente na sombra, mas os seus olhos grandes e redondos ostentavam um brilho dourado. Olhou desconfiado para Shuta.

— Então, Sr. Kagawa, vamos experimentar por uma semana.



Shuta permaneceu em silêncio.

— Estou a passar-lhe uma receita.

— Está a passar-me uma receita?

— Exato.

Shuta olhou para o gato dentro da transportadora.

— Isso é... um gato?

— É.

Shuta começou a duvidar da sua própria sanidade mental.

— Um gato verdadeiro?

— Claro. São muito eficazes. Conhece o velho ditado: «Um gato por dia, não sabe o bem que lhe fazia». Os gatos são mais eficazes do que qualquer terapia que haja por aí.

Isso não faz qualquer sentido.

O médico entregou uma folha a Shuta.

— Aqui tem a sua receita. Por favor, leve-a à receção e ser-lhe-á entregue tudo o que precisa. Vemo-nos daqui a uma semana. Ora bem, tenho um paciente à espera... — Apontou para a porta, como quem diz: *Já pode ir embora.*

Shuta despertou do seu entorpecimento. Sentiu uma gargalhada a formar-se dentro de si.

— Já estou a perceber o que é isto — disse entre risadinhas.

— É aquilo a que se chama terapia assistida por animais, certo?

O médico não respondeu, recostando-se na sua cadeira com um olhar inescrutável.

— Faz parte da sua terapia apanhar de surpresa os seus pacientes? Agora já percebi porque é que não há quaisquer detalhes sobre a clínica. Cheguei a entrar em pânico. Receitar gatos... bastante interessante.

Encostou praticamente o nariz à transportadora e olhou para o interior. O gato arregalou os olhos e devolveu o olhar.

Shuta nada percebia de animais, mas aquele gato parecia tão desnorteado quanto ele.

— O gato é muito giro, mas não parece gostar muito de mim.

— Hum? Deixe cá ver.

O médico debruçou-se de tal forma que as bochechas deles quase se tocaram. Shuta estava espantado, mas o médico parecia desocupado. A ponta do nariz do médico roçou na porta de grade da transportadora ao olhar para o interior.

— Hum? O que te parece, gata? — Encostou o ouvido à grelha. — Sim, sim, ela diz que está tudo bem.

— Não disse nada. Parece-me assustada.

— Assustada? Deixe cá ver. — O médico aproximou ainda mais o nariz da transportadora, de tal forma que deixou Shuta nervoso.

— O que te parece, gata? Estás bem, certo? — Ergueu o olhar para Shuta e sorriu. — Ela diz que está bem.

— A questão é esta: os gatos não se sentem confortáveis junto de pessoas como eu, que não estão habituadas a eles. Mesmo sendo pelo bem da terapia, parece-me injusto para a gata.

— Não se preocupe, os gatos são altamente eficazes, mesmo para quem não está habituado a eles. — Endireitou-se. — Tenho um paciente à espera, pelo que temos de nos despachar. — Pegou na caixa transportadora e pousou-a no colo de Shuta.

— Espere lá... o quê?

— Até daqui a uma semana.

O médico acenou com a mão, não dando margem para mais discussões.



Shuta saiu confuso do consultório. Dava a ideia de que o médico o tinha obrigado a sair. E o sofá da sala de espera estava vazio. Permanecia paralisado de espanto quando deu com uma mão pálida a chamá-lo desde o guichê da receção.

— Sr. Kagawa, por aqui, por favor.

Parece uma espécie de cenário de televisão. Olhou em volta, nervoso, em busca de câmaras escondidas. A seguir, avançou até ao guichê de onde a enfermeira o olhava.

— Por favor, entregue-me a receita.

Shuta assim fez e observou a enfermeira a desaparecer da janela da receção.

A transportadora, instável, abanou. Era extremamente pesada, sem dúvida uma sensação estranha para Shuta, que já não tomava conta de um ser vivo desde os tempos dos coelhos da turma na escola primária. A sua admiração pelo comportamento surpreendentemente calmo da gata trouxe-lhe um sorriso à cara.

A enfermeira regressou com um saco de papel.

— Aqui tem — disse, empurrando o saco com força através da abertura da janela.

Shuta passou a transportadora para uma mão e agarrou o saco. A gata deslizou na caixa inclinada.

— Ups, desculpa — disse ele à gata. A seguir, falou para a enfermeira. — Desculpe, o que está dentro do saco? É muito pesado.

— Mantimentos. Também tem um folheto com instruções, o qual recomendo que leia atentamente. — Na sua boca, o dialeto de Quioto, tradicionalmente conhecido pelo seu toque sedutor, soou frio e indiferente.

Shuta espreitou para o interior do saco e viu tigelas de plástico, uma bandeja e um pacote do que aparentava ser comida

para gato — tudo artigos essenciais para cuidar de um gato. Que encenação tão elaborada. Tal tipo de premeditação deixou Shuta a sentir-se desconfortável.

— Então vamos prosseguir com a charada. Não é já um bocadinho demais?

— Se tem dúvidas, por favor pergunte ao senhor doutor. Fique bem. — A enfermeira baixou o olhar para o trabalho.

— Desculpe...

— Fique bem.

— Hum.

— Fique bem.

Shuta abandonou a clínica levando o saco e a caixa transportadora. Foi desafiante abrir a porta com as duas mãos ocupadas.

Mas que raio é que acabou de acontecer?

Ao fundo do corredor, Shuta viu um homem a olhar intensamente para si. Parecia que ia fazer-lhe uma pergunta. Contudo, passou por Shuta e abriu a porta das instalações ao lado da clínica.

Foi complicado descer as escadas sem inclinar a transportadora. Assim que saiu para a rua, foi atingido pelo fedor a mofo da viela. Era o odor a realidade. O fardo nos seus braços também era bastante real.

O colega de Shuta dissera-lhe que era uma excelente clínica. O colega ouvira falar da mesma através do irmão, que soubera pela mulher, que ouvira da parte do primo, que por sua vez... Conforme os rumores iam passando de pessoa em pessoa, transformavam-se. Deu um passo e depois outro, mas o *sketch* televisivo não terminou. A enfermeira não apareceu a correr atrás dele e nenhum realizador gritou «Corta!» Ele era



vítima ou de um caso gravíssimo de negligência médica ou de um esquema ridículo.

E ali estava ele, um homem doente, com uma gata nos braços. Deu por si a rir, com as gargalhadas a ecoarem ao longe.



Transportar aquele ser vivo revelou-se um verdadeiro desafio. Shuta não conseguiu utilizar as passadeiras com rapidez suficiente e não era que desse para levar a transportadora ao ombro. Levou mais de meia hora a regressar ao seu apartamento e, entretanto, a gata remexeu-se com o desconforto e ele sentia os braços a doer.

Quando Shuta finalmente pousou a transportadora no chão, a gata pareceu perceber que já não estava em movimento e começou a remexer-se, fazendo a transportadora abanar. Shuta abriu a porta, sentindo pena da pobrezinha, mas ela não saiu.

— O que se passa, gata? Já podes sair.

A gata permaneceu longe da vista. Preocupado, Shuta espreitou para o interior da transportadora e viu-a encolhida ao fundo.

O que se passa? Shuta remexeu no saco de papel. Deu com duas taças do mesmo tamanho e com o pacote de comida de gato, que fez um som de farfalhar ao ser agitado. Ração seca, pelos vistos.

— Para já, vamos pela água.

Encheu uma das taças com água da torneira e pousou-a em frente à transportadora. A gata continuou sem sair.

— Oh, espera. As instruções.

Sempre de olho na transportadora, Shuta leu o folheto.

«Nome: *Bê*. Fêmea. Idade estimada de 8 anos. Europeu comum. Alimentar com quantidades moderadas de comida para gato de manhã e à noite. A taça de água deve estar sempre cheia. Limpar a areia sempre que necessário. Por norma, independente e pode ser deixada sozinha. Peças pequenas passíveis de serem engolidas e quebradas, como pratos e chávenas, devem ser guardadas num armário. Mantenha-se atento às plantas envasadas. Não deixe a gata sair de casa. É tudo.»

Shuta releu as instruções, mas não havia muitos pormenores.

— Oh, pá, nunca tive um gato. Não sei se consigo tomar conta dela por uma semana.

Como é que a gata vai usar esta bandeja e a areia? Será que instinctivamente saberá tratar das suas coisas sem causar uma confusão na sala? Que quantidade de comida lhe dou? Vai arranhar as paredes?

Shuta começava a sentir um grande peso sobre os ombros, mas não tinha a quem pedir orientações. Teria de pesquisar mais um pouco *online*. Pelo menos, sabia o nome da gata.

Rastejou pelo chão, espreitou para a transportadora e depa-rou com um par de olhos dourados.

— *Bê* — disse ele. — Ei, sai daí, *Bê*. És uma menina, certo? Deves ter fome. Deixa-me dar-te de comer.

Era noite, hora do jantar para humanos e, como tal, também o deveria ser para os gatos. Enquanto Shuta interiorizava as informações na parte de trás da embalagem de comida de gato e procurava na Internet a medida exata a dar, reparou que a gata enfiou a cabeça de fora.

— Oh! Aí vem ela.



Mas a gata rapidamente recuou. A voz de Shuta assustara-a. Ele susteve a respiração e, ao fim de algum tempo, a gata enfiou outra vez metade da cabeça de fora. Olhou para Shuta. Continuaram a entreolhar-se numa batalha muda de vontades. Estaria a gata a ser cautelosa ou estaria a testá-lo? Shuta sentiu as pernas dormentes devido à posição incómoda, mas afastou a dormência com uma leve sacudidela.

Por fim, surgiu um membro de dentro da transportadora, a pata da gata a pairar sobre o chão.

Por favor, sai. Tenho as pernas dormentes.

Quando Shuta estava a chegar ao limite, a gata baixou delicadamente a pata no chão, formando um vinco sobre o tornozelo, parecendo o pulso rechonchudo de um bebé. *Adorável*. Ela deu mais um passo, e a seguir outro, e por fim a sua comprida cauda escapou para o exterior.

Esta gata é surpreendentemente grande. Foi o primeiro pensamento de Shuta. *Bê* não era grande, mas ele imaginara os gatos como sendo mais magros, como os que vira em vídeos a espremerem-se por aberturas estreitas entre paredes. Aquela gata em particular parecia uma manta fofa cinzenta. Se tentasse enfiar-se numa fenda, a manta iria ficar de fora.

Shuta cerrou os dentes e esticou as pernas devagar para não assustar a gata levantando-se de repente. Observou a gata a aproximar-se da taça de água. Depois de farejar a taça, começou a beber.

Shuta massajou as pernas e observou, maravilhado, a gata. O suave som de água a chapinhar nunca antes fora ouvido naquela divisão. Tendo baixado a guarda, a gata olhou em redor. O seu olhar assentou na embalagem por abrir da comida de gato.

— Aha! OK, espera um segundo.

Depois da água, comida. A gata era bastante fácil de interpretar. Shuta abriu o saco de comida de gato e despejou uns biscoitos no outro recipiente. A gata sentou-se educadamente, observando a comida a chocalhar na tigela. Ele teve a certeza de que a gata saltaria, mas manteve-se imóvel e observou-o com os seus olhos arregalados, com as pupilas dilatadas.

— Come. Parece ser delicioso. Força.

Shuta pegou num pedaço de ração — era muito parecido com um *snack* para humanos — e fingiu que o comia. A gata nem se mexeu e lançou-lhe um olhar como quem diz, *O que está este tipo a fazer?*

Sentindo-se um idiota, Shuta recostou-se na sua cama. Acompanhou os movimentos da gata pelo canto do olho, fingindo-se desinteressado. Ao fim de algum tempo, a gata aproximou-se sorrateiramente da taça de comida e começou a comer.

O som de mastigar de algo crocante preencheu a divisão.

Bê tinha uma presença imponente, mas os seus movimentos eram pacatos. Ali deitado, Shuta pensou se todos os gatos seriam assim.

Pareceu-lhe estranho ter uma gata naquele quarto onde, por norma, vivia sozinho. Ao olhar com outros olhos para o seu espaço reparou na confusão reinante. *Manga* e videojogos permaneciam por ali espalhados desde sabe Deus quando. À semana, ele ia a casa apenas para dormir e mesmo nos dias de folga dormia até ao meio-dia. Não é que lhe faltassem coisas, simplesmente a sua casa não lhe proporcionava alegria. Não havia sequer um vaso em sua casa. Se tivesse havido tal coisa, há muito que a planta teria morrido.

Pela primeira vez em muito tempo, Shuta arrumou o quarto. Pegou nas tampas de garrafa em plástico e pauzinhos de comer descartáveis das caixas de comida da sua loja de conveniência ainda espalhados pelo chão e deitou tudo no lixo. Passou a roupa e revistas para um canto. Já decorrera muito tempo desde que fizera algo que não fosse saltar de psiquiatra em psiquiatra. O simples ato de arrumar o quarto revelou-se estranhamente revigorante. Detetou algo na mesa e lançou-se para lá.



— Oh, era sobre coisas como esta que falava o folheto.

Os comprimidos para dormir eram agora artigos perigosos. Reuniu-os e enfiou-os numa gaveta.

Bê acabou de comer e deambulava pelo quarto, farejando cada recanto e fenda. Tinha uma postura relaxada e leve.

Onde dormem os gatos? A clínica não lhe dera uma cama de gato. *Não está frio, mas é melhor deixar-lhe uma manta de velo. Talvez se enfie na minha cama.*

Shuta deixou-se levar pelos seus pensamentos e o tempo foi passando. Sem dar por isso, acabou por adormecer, sem necessitar sequer da sua medicação.



Uns dias mais tarde, segurava nos braços a transportadora e corria para o quinto andar. Entrou intempestivamente na Clínica da Alma Nakagyō Kokoro e, ofegante, empurrou a transportadora através da janela da pequena receção por detrás da qual se encontrava a pouco amistosa enfermeira da sua visita anterior.

— Tome. A gata. Quero falar sobre isso com o médico.

— Sr. Kagawa, a sua consulta é daqui a quatro dias. Ainda tem quatro dias para ficar com a gata.

— Não tenho nada. Já chega. — A sua falta de fôlego dificultava-lhe a fala. — Só quero ver o médico. Não me importo de esperar.

— Então, por favor entre para o consultório.

— O quê, já? Como eu disse, posso esperar.

— Por favor, dirija-se ao consultório. — A enfermeira incidiu a sua atenção noutra tarefa.

Shuta ficou atónito. Depois de ter ido a correr do escritório para o seu apartamento, enfiara a gata de novo na caixa transportadora e despachara-se a seguir para a clínica. Tinha de descarregar a sua raiva de modo a sentir algum alívio. Ser atendido tão depressa pareceu-lhe frustrante.

— Desculpe? — disse Shuta.

— Por favor, aguarde no consultório — disse friamente a enfermeira.

Shuta pegou na transportadora e passou pelo sofá da sala de espera antes de se instalar no atulhado consultório.

Sentiu o peso da transportadora no colo. A gata parecia inquieta. Ele sabia que a culpa não era da gata, mas ainda assim sentiu-se a fervilhar. A cortina abriu-se de repente e apareceu o médico.

— Oh, Sr. Kagawa. Voltou. O que o traz cá hoje?

Ao ver o sorriso animado do médico, Shuta explodiu.

— Fui despedido! Do meu emprego! Por causa desta... desta gata!

Agarrou a beira da transportadora. A gata terá sentido a tensão, dado que bufou ameaçadoramente no interior.

— Bem, que bela novidade — comentou o médico, rindo um pouco.



Shuta arregalou os olhos.

— B-bela novidade?

— Não queria deixar o seu emprego? Resolveu o seu problema. Bem sabia que esta gata era indicada para si. É muito eficaz.

O médico sorriu com imenso prazer enquanto Shuta tentava recompor-se.

Não. É estúpido sequer levar isto a sério. Para começar, não fui tratado a nada. Mas, pelo menos, devo queixar-me.

Shuta ergueu a transportadora do colo e pousou-a na secretária.

— Eu nunca quis deixar o meu emprego. Vim cá para que me ajudasse porque eu *não* queria sair. É uma empresa de prestígio!

O médico inclinou a cabeça.

— Não disse que trabalhar na sua empresa era como trabalhar numa fábrica que explora os empregados?

— Todas as empresas são assim. Não há uma empresa, grande ou pequena, que seja perfeita.

Shuta ficou espantado consigo próprio por defender a sua abominável empresa. Mas fora precisamente aquilo que lhe tinham dito os amigos. *É assim em todo o lado. Pelo menos, és bem pago. Estás a pedir demasiado*, disseram eles. Então, disse isso mesmo a si próprio e aguentou-se. Sentiu-se deprimido só de pensar no assunto.

— É muito injusto. Fui despedido sem mais nem menos. Para que é que andei tanto tempo a aguentar tudo aquilo?

— Bem... — O médico olhou para o relógio. — O meu paciente seguinte ainda não apareceu. Se quiser falar, sou todo ouvidos.

De repente, Shuta sentiu-se exausto. Aquela clínica era diferente de todas as outras. Os seus gritos de dor e lágrimas nem sequer conquistaram uma leve compaixão. Mas talvez isto fosse preferível a uma preocupação oca e fingida. Um sorriso inescrutável apoderou-se da expressão do médico ao sentar-se, de pernas cruzadas, diante dele.

— De início, quando levei a gata para casa, não houve problemas — explicou Shuta. — A *Bê* dormiu profundamente. Dei-lhe o pequeno-almoço de manhã e fui trabalhar, como de costume.

Sim. Fora apenas nessa primeira noite que *Bê* providenciara consolo. Depois disso, foi uma repetição do habitual. Um ambiente de trabalho tóxico não era algo assim tão simples de um gato consertar.



Os gatos eram inesperadamente diretos.

Shuta sorria ao observar *Bê* a comer. Ele questionara-se se acordaria e daria com o seu quarto mergulhado no caos, mas tal preocupação revelou-se infundada. Shuta dera com a gata enroscada debaixo da mesa. Não andara envolvida em travessuras. Quando Shuta se levantou, *Bê* fora de imediato ter com ele. *Ela já se sente ligada a mim ao fim de apenas um dia? Ou está treinada para o fazer?*

Ao deslocar-se à casa de banho, ele reparou que a gata o seguia.

— O que se passa? Tens fome?

Ele olhou para baixo, para *Bê*, que roçava a cabeça na canela dele. Com as orelhas pontiagudas baixadas contra a cabeça,

deu com o focinho na perna de Shuta com uma força surpreendente. Poucas horas antes, Shuta temera tocar na gata com medo de ser arranhado, mas agora que estava a mostrar-se tão afetuosa não podia ignorá-la.



Tocou na testa de *Bê* com os dedos e achou-a sedosa. *Que textura peculiar*. Ele imaginara que o pelo da gata fosse tipo cerda de escova de cabelo, mas a realidade revelou-se completamente diferente. Quando a gata olhou para cima, os seus olhares cruzaram-se e ele instintivamente retirou a mão, preocupado. Só que a gata esticou o pescoço e encostou a bochecha a ele, e depois forçou com mais insistência na palma de Shuta.

— Uau, és mesmo fofa e felpuda.

Mas não era mole como um boneco de peluche. Era firme e sólida sob a mão dele. *O que parece ela? Felpuda como... uma bola de ténis?*

O pelo dela parecia curto, mas a pelagem era suficientemente espessa para ele lhe passar a mão pelo meio. A camada inferior era penugenta e branca. Vendo com mais atenção, a parte de cima, que parecera de um cinzento liso, revelou uma subtil tonalidade castanha que formava um leve padrão de mármore.

Que linda que és.

Bê pressionou de forma gentil, mas persistente, até ele ceder e fazer mais festas. Ao fim de uns momentos apoiado nos joelhos e mãos, ele fora preparar-lhe a comida e a água antes de atender às suas próprias necessidades. Pelos vistos, ter um animal doméstico perturbava o fluxo das rotinas diárias.

— Se calhar, isto até não é uma ideia assim tão má.

Shuta baixara-se apoiado nos cotovelos para observar *Bê* de perto enquanto ela comia. Graças a uma repousante noite

de sono, ele sentiu-se leve de uma forma que há muito não sentia. Mas o desejo de não ir trabalhar não o abandonou.

Mas se eu aguentar o dia de hoje...

Era o seu mantra matinal. Se aguentasse o hoje, o amanhã seria mais fácil. Ele não ia desistir.

Enquanto ela bebia a sua água, coçou-lhe a cabeça e os olhos dela fecharam-se como se ela se deleitasse em êxtase. Pareceu-lhe mesmo que se aguentasse aquele dia encontraria o seu rumo.



— O Mamiya tem estado no fundo do nosso departamento há já três semanas seguidas. — A voz rouca de Emoto ecoou em todo o piso. Shuta sentiu o estômago às voltas. Era um ritual aproveitar a reunião matinal semanal como palco de enxovalhamento público. De detrás da sua secretária, Emoto, o gerente de departamento, estava a enxovalhar Mamiya diante da sua equipa.

» Está a arrastar-nos a todos para o fundo. Por muito que dêmos à perna, o nosso departamento não consegue atingir os números pretendidos. Tudo por causa deste tipo. A viver o sonho, hein, Mamiya? A sacar o salário e sempre de papo para o ar.

Emoto, nativo de Osaka, falava em dialeto *kansai* em vez do japonês padrão, mesmo no trabalho.

Mamiya manteve-se de cabeça baixa e permaneceu calado. Nenhum dos elementos da equipa de vendas se atrevia a olhá-lo nos olhos. Ser desafiado diante de todos bastava para deixar qualquer um de rastos. Ver outro a ser triturado era de revolver o estômago.

NOMEADO PARA O PRÉMIO
LITERÁRIO DE QUIOTO

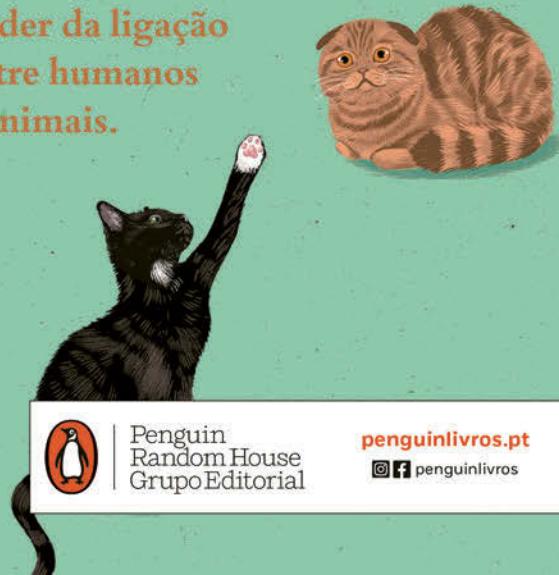
Um gato por dia,
não sabe o bem que lhe fazia!

Enfiada num velho edifício ao fundo de uma viela de Quioto, a Clínica da Alma Kokoro só pode ser encontrada por quem está a passar dificuldades e necessita genuinamente de ajuda. E ainda que seja frequente ver os pacientes confusos com o insólito tratamento proposto, a verdade é que, para aqueles que o cumprem, a experiência é profundamente transformadora, pois a misteriosa clínica prescreve simplesmente gatos como receita.

E é através do contacto com gatos — brincalhões, ternurentos e por vezes desafiantes — que um homem de negócios derrotado encontra subitamente a felicidade no trabalho físico, que uma menina aprende a orientar-se pelo labirinto dos grupos da escola primária, que um homem de meia-idade descobre que pode manter-se relevante tanto no trabalho como em casa, que uma dura designer de acessórios encontra o seu equilíbrio pessoal, e que uma *geisha* consegue finalmente ultrapassar a perda do seu gato bebé.

Uma encantadora
celebração do
poder da ligação
entre humanos
e animais.

O divertido
romance que
se tornou
uma sensação
internacional.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-786-5



9 789895 897865